

Uma *soirée* eletroacústica no Quarto Encontro de Compositores e Intérpretes Latino-Americanos, Belo Horizonte, maio/junho de 2002*

Carlos Palombini (UFMG)
e-mail: palombini@musica.ufmg.br

O Quarto Encontro de Compositores e Intérpretes Latino-Americanos (vide <<http://www.encontrocompositores.org.br/>>) aconteceu de domingo, 25 de maio, a sábado, primeiro de junho de 2002, na Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte (vide <<http://caleidoscopio.art.br/fundacao/>>), que já havia realizado encontros semelhantes em 1986, 1988 e 1992. Na manhã de sábado, discursos de representantes de autoridades municipais, estaduais e federais abriram o evento, evocando imagens dos anos quarenta e cinquenta — quando o “grande compositor” era uma peça importante do aparato estatal — para uma audiência de mestres cabeludos, ainda que calvos. À noite, a peça para doze violões giratórios e um igual número de executantes estáticos de Teodomiro Goulart deu início à série de dezoito concertos, mostrando que o experimentalismo não-eletroacústico está vivo e passa bem no Cone Sul. Intitulada *Mina Sonora*, mas apelidada *Os violocópteros* por seus bem humorados intérpretes, ela atraiu um público numerosíssimo e peculiar. Os programas subseqüentes apresentaram obras eletroacústicas de Dante Grella, Flo Menezes, Daniel Quaranta, Rodolfo Coelho de Souza e Rogério Vasconcelos entre trabalhos não-eletroacústicos. Além disso, o primeiro concerto noturno de sexta-feira, 31 de maio, foi inteiramente dedicado à arte da composição eletroacústica.

A Sala Sérgio Magnani da Fundação de Educação Artística é uma jóia acústica. Equipada com um conjunto de quatro alto-falantes, porém, ela não constitui o cenário ideal para uma apresentação eletroacústica. É difícil dizer alguma coisa do recente *Quatro sketches em movimento*, de Sérgio Freire, para percussão, parte pré-gravada e processamento em tempo real, além de que a peça teria tido muito a ganhar de um ensaio geral. O excelente percussionista que é Fernando Rocha fez o que pôde, mas foi finalmente nocauteado pelo som errado na hora certa.

Tirando partido do antagonismo entre uma parte pianística altamente eclética — onde se acotovelam tríades maiores e uma escritura bouleziana — e as morfologias sonoras do material processado, Ana Cláudia de Assis interpretou *Grain Streams* (2000), de Eduardo Reck Miranda, para piano, sons pré-gravados e processamento em tempo real. Se esse antagonismo constitui a força ou a fraqueza da peça, foi tema de debate entre os conhecedores locais.

Maurício Loureiro apresentou *Tangerina*, de Fernando Iazzetta, para clarinete e processamento em tempo real. Usando o programa MAX de forma sutil, quase decorativa, Fernando Iazzetta conseguiu atingir uma ampla parcela do público, entre aficionados e neófitos.

Rodolfo Caesar providenciou o necessário clímax com *Ranap-Gaô* (2001), para mídia gravada e vídeo de Simone Michelin. O nome, em falso Tupi (na realidade um anagrama de “araponga”), evoca o pássaro cujos apelos ruidosos, semelhantes às batidas do martelo na bigorna, Rodolfo

Originalmente publicada em inglês no *Computer Music Journal* 27 (1), 2003, <<http://mitpress.mit.edu/CMJ>>.

Caesar sintetiza (uma araponga de verdade tendo vindo bater à janela do compositor assim que a peça foi finalizada). Como as imagens surreais do vídeo de Simone Michelin, os sons de Rodolfo Caesar retêm toda a sua ambigüidade em relação aos corpos sonoros que os produzem, sua natureza — *elektronisch* ou *concret*? — sempre um mistério. A platéia respondeu com ouvidos atentos e só uma dúvida: “será que ele vai conseguir manter este elã?” A peça percorreu sua trajetória em grande estilo, a natureza compacta da ambiência e a falta de relevo da difusão potencializando-lhe o impacto.

O concerto encerrou-se com *Concreto armado* (2000–1), de Neder José Nassaro, para soprano, interpretado por Doriana Mendes, e sons eletrônicos pré-gravados. Sujeitando um caso daquilo que se tornou conhecido como poesia concreta (“o martelo martela” etc) a uma superabundância de manipulações, o compositor conseguiu engendrar um senso daquele mal-estar modernista diante do qual o silêncio e o aplauso são as únicas manifestações possíveis: não houve vaia.

Jovial, bem-informada e calorosa, a platéia foi um destaque e superlotou a sala diariamente. Transmitir o conhecimento e o gosto pela música contemporânea às novas gerações do estado de Minas Gerais tem sido o trabalho de Berenice Menegale, a pianista que dirige a Fundação de Educação Artística desde seu início. O concerto final recompensou-a com emocionada ovação.